S. P AULO (BRASIL) Sabado, 19 de setembro de 1914 ANNO XIII — N. 261

Publica-se aos sabbados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSIGNATURAS:
ANNO . . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assignaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH
Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegrafico: LANTERNA
Toda correspondencia ao director

A Guerra e a Egreja

A hecatombe a que estamos assistindo, atravez as noticias telegraphicas e que nos têm trazido os jornaes europeus recem-chegados, é terrivel.

Os revolucionarios de toda a parte do mundo — socialistas, anarchistas e syndicalistas — e que são em sua immensa maioria atheus, emancipados de toda e qualquer superstição religiosa, procuraram, com a sua propaganda tenaz e destemida, durante os ultimos trinta annos, levar os homens ao terror pela guerra e ao desprezo da casta militar.

Sabiam esses revolucionarios que o unico meio de evitar a guerra era guerrear o militarismo, os grandes armamentos e as classes parasitarias que consomem o producto do trabalho dos operarios e dos camponezes. Sabiam que o proletario que nada possúe nada tem a perder ou a ganhar com as guerras e que estas só podiam trazer lucros á classe burgueza e aos seus alliados — o clero e o officialismo.

E, sabiam mais que o clero fôra sempre o causador das guerras no passado e seria o maior enthusiasta de uma grande guerra universal.

Não se enganaram.

Apenas o flagello rebentou na Europa, o que vimos?

Os bispos austriacos e allemães apressaram-se em abençoar as armas dos soldados seus compatriotas e os bispos francezes celebraram preces pela victoria das armas francezas.

E todos se dirigiam ao mesmo Deus...

Agora, diante do horror que a guerra está causando, o clero vem dizer-nos que só o Vaticano, só a religião, poderiam evitar as guerras e que «a justiça de Deus está passando (1).

Hypocritas e sanguinarios!

Compraz-se o clero com a desgraça dos povos e diz que só a Egreja poderia ter evitado a conflagração.

A historia da Humanidade, nas paginas mais rubras de sangue, foram escriptas pela Egreja Romana.

Ella armou as cruzadas, nos tempos medievaes, e, recentemente, armou as potencias européas contra a China, a pretexto de que os *boxers* eram inimigos dos europeus, quando o que é incontestavel é que os chins o que não queriam era que se lhes procurasse obrigar a crêr no Deus dos catholicos e dos protestantes.

Sanguinaria e perversa, a egreja romana abençoava os reis catholicos que faziam a guerra aos infieis e as paginas da historia nos relembram os nomes dos bispos que seguiam para a guerra com os seus soldados.

E agora, em 1914, depois de um dominio milenar sobre as consciencias e sobre os povos, nunca tendo prégado contra a guerra, os tartufos do Vaticano vêm dizer-nos que *«só do Vaticano póde surgir a verdadeira paz e a concordia certa!»*

Não, abutres! Não, jesuitas!

A verdadeira paz e a concordia certa só poderão raiar para a Humanidade quando ela tiver varrido da superficie da terra o ultimo throno e o ultimo altar, quando ela atirar ao monturo das cousas imprestaveis e nauseabundas as religiões e os fetiches adorados e venerados nas egrejas, e quando obrigar os parasitas de batina a ganharem o seu pão com o suor do seu rosto, trabalhando a terra ou accionando as machinas.

Emquanto houver Estados organizados e religiões; emquanto houver soldados e padres, a Humanidade soffrerá, de tempos a tempos, grandes sangrias, porque só o desapparecimento da sociedade actual poderá trazer a paz e a concordia entre os homens.

Si a Egreja não houvesse prégado a obediencia passiva aos reis e imperadores os catholicissimos austriacos não teriam obedecido ao velho imbecil Francisco José, atirando-se contra os servios e provocando a conflagração européa.

Os papas e a Egreja nunca foram contrarios á guerra e aos morticinios.

«A Irlanda, escreve Nicolau Tommasso, era assolada pela miseria, pela guerra civil, por uma intolerancia odiosa e voraz, e Gregorio XVI guardava silencio. A Galicia assombrava o mundo com carnificinas de um rei assalariado, com um systema de espoliação prégado em nome da Austria e das Ordens, e Gregorio XVI não se mexia. A Polonia era desmembrada por um furor inflammado de fanatismo e de uma subtil malvadez, mais abominavel ainda... e Gregorio XVI, em publico, não achava palavras senão para aconselhar a obediencia ás doutrinas, desculpando em tudo essas mortandades».

Até contra a propria Italia os papas fizeram a guerra, pedindo o auxilio de reis estrangeiros, monstruosidade essa iniciada por Gregorio III, em 735, que chamou os francos guiados por Carlos Martello e sempre em uso até 1860, quando Pio IX chamou em auxilio do papado, contra a Italia, toda a escória da Europa, na phrase de um escriptor insuspeito.

A Egreja introduziu a barbaria no mundo, e a guerra, que é o ultimo vestigio da barbaria antiga, só desapparecerá com ella.

O mundo pagão, si conheceu a guerra, não assistiu aos autos de fé, não conheceu o supplicio da fogueira. Essa crueldade foi introduzida no codigo romano pelo primeiro imperador christão — por Constantino.

E querem falar em paz e concordia?

Para traz, tartufos!

Benjamim Mota.

(1) Artigo da *Gazúa do Polvo*, de do corrente.

DA PORTA DE EUROPA

INCERTEZAS E ESPERANÇAS

Lisboa, 30 de agôsto.

A monstruosa conflagração estalou há um mês, e a todos nos parece que os horríveis acontecimentos caminham lentamente, com um vagar doloroso e desesperante, como um pesadelo atroz. Uns só vêem ou só receiam a guerra em si; outros descortinam através dela novos horizontes, claros ou sombrios, conforme os seus íntimos desejos e as suas esperanças, e teem pressa de chegar ao fim, de ver os resultados... E todos se debatem no meio das dúvidas, das mentiras interessadas, das explicações engenhosas e jesuíticas de cada beligerante, das notícias incompletas e contraditórias.

Mas todos esperam... Quando, no fundo, não esperam, quando os consome o pavor das consequências, fingem esperar, entoam desesperadamente as suas eperanças, como o campónio medroso pelos atalhos solitários, para enganar o medo, para afogar as incertezas, para afugentar os fantasmas...

Os clericais contam com um recrudescimento de fé; os imperialistas com um fortalecimento do despotismo e servidão militares; os monárquicos com o triunfo geral e completo da rialeza; a burguesia e os Estados com o revigoramento e eternização do seu domínio; os revolucionários sociais com a liquidação da sociedade capitalista no meio dos seus próprios horrores, ou pelo menos com o seu enfraquecimento, com o início da sua ruina...

Todos esperam; e ai dos que se deixam abater pelo desânimo! ai dos que cruzam resignadamente os braços perante a fatalidade! Poderá varrê-los o furacão. E' preciso resistir — mas saber resistir.

Para os revolucionários sociais, não há dúvida, a batalha está mal empenhada (adoptemos a terminologia de actualidade). Deveria ter sido travada em terreno diverso: o da luta entre as classes. Outros deveriam ser os exercitos: o dos oprimidos de todos os países contra os opressores internacionais. Mas, visto que assim não pôde ser desta vez, é preciso encarar os factos como êles se apresentam e fazer face às realidades, tirando da situação todo o proveito que fôr possível.

Assim pretenderam fazer, por exemplo, os revolucionários sociais franceses. Pois que, em face da agressão do imperialismo teutónico e da impotência da social-democracia germânica, não puderam transformar em guerra social a ameaça de guerra entre nações, procuram não perder pé no meio da torrente e canalizá-la contra a dominação militarista e imperialista.

Deixaram-se muitos arrastar numa onda de paixão irreflectida? Terão muitos exagerado? A pretexto de salvaguardar a sementeira do futuro, não terão muitos cedido a sentimentos menos alevantados? Não terão alguns voluntáriamente dedicado a uma obra duvidosa energias que mais valeria reservar para ulteriores tarefas, — energias hoje sem grande valor militar, amanhã com enorme eficácia de fermento revolucionário?... E' tarde e é cedo demais para a crítica.

Depois, nós estamos longe... Que sabemos nós?... Esperemos, e confiemos nas afirmações, feitas pelo revolucionários franceses — com tôdas as reservas devidas à terrível censura militar...

Ah! se a agressão imperialista tivesse vindo depois da revolução — da revolução que pusesse na posse de todos o solo a defender!...

«O moral das tropas é excelente», mandam dizer os quartéis-generais. Mas como seria, com efeito, o moral de soldados da revolução que tivessem realmente um património a resguardar?

Os irresistíveis vencedores de Valmy e de Jemmapes tinham atrás de si a abolição dos últimos direitos feudais, uma democratização maior das terras, novos horizontes e novas possibilidades...

Tivessem abolido os soldados de hoje a feudalidade capitalista e a servidão do salariado, — e contra a «orda de escravos, traidores e réis conjurados» ribombaria invencível uma nova Marselhesa!

Neno Vasco.

DE PARIS

Da costa normanda a Paris

«Parece que acabam de matar em Paris um anarquista muito conhecido que tinha feito muito mal.»

Foi nestes termos que, residindo em Dieppe desde a antevéspera, tive conhecimento, na manhã de sabado 1.º de agosto, do assassinato de Jaurès.

Sêde pois um dos maiores poetas do verbo que teem ilustrado a tribuna, ao mesmo tempo suberbo manejador de multidões e de ideias, ainda por cima chefe do partido socialista unificado, e declarado enfim «muito conhecido» para o ser tão pouco!

Durante o dia é tamborilado e depois afixado o decreto de mobilização. Dão-se scenas pouco ruidosas, mas pateticas.

Perto do mercado do peixe, é levantada e levada num autotaximetro uma pobre velha que desmaiara; a guerra tira-lhe decerto um filho que ela não tornará a ver! Um pouco mais adiante, uma operaria chora silenciosamente nos braços dum reservista palido como um cadaver; acompanham-nos os seus dois filhos de tenra idade; por todos os lados ha semblantes tristes, uma dor corajosamente contida que punge. Nestes momentos, sente cada um pulsar no peito o coração dos outros seres humanos.

E lembro-me de 70, das turbas inconscientes do ultimo Imperio, mugindo — tanto na provincia como em Paris — «Viva a guerra!» Estas são bem mais dignas e simpaticas.

Na noite daquele sabado para domingo, chegou a Dieppe o ultimo vapor de Newhaven. Acolhem-no aclamações e o canto da Marselhesa: a guerra anda no ar!

Espalhou-se a noticia de que os funerais de Jaurès serão já no domingo. Que se passará nesse dia? O posto dum militante é em Paris: enfiemos para o comboio das 7 e 33 da manhã, o ultimo que transporta paisanos para a capital! Depois, vagões, só os haverá para os mobilizados.

O comboio está repleto. Sob a impressão dos acontecimentos, os viajantes trocam opiniões. O que domina não é a alegria! Ao mesmo tempo circulam mil boatos falsos: o assassinato de Caillaux e de sua mulher; que mais ainda? Um alarmista, que seria reaccionario se fosse capaz de ser alguma coisa, aterroriza as damas com as suas predições formuladas com facundia. Será uma nova invasão vitoriosa, uma nova guerra civil, Paris entregue aos bandidos da Comuna! Quanto a Guilherme II, se é certo ser nosso inimigo, não é ele um homem «admiravel» para o seu paiz?

Assim disse o nosso cretino alarmista. E, salvo um reservista bastante pouco palestrador cujos olhos teem ideias, os outros passageiros aprovam aquelas patacoadas sentenciosas.

E' quasi humilhante discutir com um animal, ainda mesmo que a natureza distraida o tenha dotado da palavra e dum vago fisico humano: experimentemos todavia!

E, abstendo-me de lho fazer notar, «rectifico-lhe a pontaria» — insensivelmente, mas por completo, o que é o melhor metodo, quando não se trata de fazer figura. Chego naturalmente a declarar que os conquistadores e pretensos grandes homens são uma peste tanto para os seus compatriotas como para o inimigo, que Prinzip fez bem em revolverizar o arquiduque Fernando, e que o acto mais humanitario a executar seria introduzir um cartucho de dinamite no traseiro de Guilherme II e outro no do velho patife de Francisco José, seu compadre.

O' misterios da mentalidade humana! O alarmista, esquecido do que disse, abunda nas minhas ideias, e por pouco se não oferece para chegar fogo ao rastilho!

Quanto aos outros passageiros, aprovam; o taciturno sorri com simpatia.

Ao longo de toda a linha, mostram as populações a mesma tristeza grave: a dor de deixar a familia, os amigos, os trabalhos. Ah! ninguem poderá dizer que a população franceza quiz a guerra!

A chegada!

Como tem o aspecto mudado, a estação de S. Lazaro, com os seus ferro-viarios militarizados, os seus soldados! Logo no desembarque, é-nos anunciado por editais que daqui em diante os comboios são destinados só aos mobilizados. Quem sabe lá quando será restabelecido o serviço normal para os viajantes!

E' como que um ante-gosto do cerco! Vai Paris tornar-se, como eu o vi ha quarenta e quatro anos, um ilhéu batido pela procela?

Mas se as sociedades humanas estão submetidas ás leis naturais de génese, evolução e renovamento, não se segue daí que a historia tenha que se repetir sempre servilmente.

Não creio que tornaremos a ver as peripecias dolorosas de 70.

Paris, 16 de agosto de 1914.

Carlos Malato.

Anti-clericais!

Livre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

O medo e a religião

A imprensa clerical europeia acha que a guerra é um castigo do céu, por falta de religião, — como se a religião não tivesse contribuido para tantas guerras! — e espera que, com a lição, as ovelhas tresmalhadas voltem ao aprisco. «Como sempre, escreve um deles, Deus tirará o bem do mal que sucede. A prova abrirá os olhos a muitos cegos e forçará estes a dirigi-los para o céu. Já as nossas igrejas se enchem todas as manhãs, e a Mesa sagrada é sitiada, mesmo nos dias de trabalho...»

E' natural: todos os corvos esperam lucrar com a carnificina. Que pechincha! as igrejas vão encher-se de fieis, e de esmolas as caixas das almas; vão multiplicar-se os templos e as missas; o poder clerical vai aumentar consideravelmente. «Da terra lavrada pelas granadas e pela metralha brota uma seara de ferventes adoradores do verdadeiro Deus!» O qual Deus omnipotente se serve de meios bem ferozes e selvagens para os seus fins — como se fosse um *kaiser* qualquer! Na sua omnipotencia, não encontrará então meios mais... humanos, embora menos divinos? Não *poderia* levar mansamente a crença ao cerebro dos homens?

Não se fiem muito os padres nas aparencias e nos primeiros resultados. O medo, que fez as religiões, aumenta o numero de fieis em tempo de terror e desespero. Mas o terror e a desesperança passarão — e poderá então soar a hora do ajuste de contas.

E ai de vós, clerigos e devotos!...

PALAVRAS DE IMPERADOR

Nas horriveis circunstancias que atravessamos, escritores e leitores pouca vontade sentem de discutir as questões religiosas; mas revolta-me tanto um dito de Guilherme, imperador da Alemanha e rei da Prussia, que não posso deixar de escrever algumas linhas.

No mesmo instante em que esse nefasto potentado se preparava para declarar a guerra á Russia e á França, disse, dirigindo-se ao seu povo entusiasta: «Rezai a Deus, ide para as igrejas e invocai Deus de joelhos: ele dará a vitoria aos nossos exercitos.»

Assim, o mesmo homem que alguns dias antes dizia: «O alemão no mundo só teme a Deus», invoca esse Deus abominavel, esse Iavé-jaggernaut, esse Moloc sempre insaciavel de sangue e de holocaustos, para que ele se ponha do lado dos agressores. Vão perder a vida milhares de seres uteis, milhões de outros vão sofrer fome, uma miseria atroz, e esse sanguinario despota dirige as suas preces ao seu icon, não para pedir perdão pelos morticinios que vai causar, mas para pedir licença de derramar mais sangue inocente!

E' certo que provavelmente em todas as igrejas da Inglaterra, de França, da Russia, da Servia de um lado, e nas da Alemanha e Austria-Hungria do outro, vão ser elevadas preces identicas ao Deus dos exercitos, e esse pobre Deus, se existisse, não saberia a quem atender e taparia os ouvidos para não ouvir essas litanias imbecis.

Na verdade, o homem mais sensato, o mais calmo ordinariamente, não pode reter o seu furor vendo um imperador desencadear males sem conta sobre a Europa inteira, implorando

o seu Deus cego e surdo, e simplesmente para sustentar uma medida iniqua tomada sob sua propria responsabilidade por um inepto ministro austriaco que, desde longa data, projectava apoderar-se dos Balcans e ir até Salonica.

Este plano era abertamente aprovado pela imprensa austro-hungara durante a primeira guerra balcanica; mas não se sentindo com forças, Berchthold esperava que a Servia, esgotada por duas guerras, ficasse fraca demais para impedir a agressão, e aproveitou a viagem de Poincairé e Viviani á Russia, as grandes greves sangrentas de S. Petersburgo e as ameaças de guerra civil na Irlanda, para, sem aviso aos aliados, iniciar uma guerra iniqua.

Quando é que os povos hão de ter a sensatez suficiente para se governarem á si mesmos, sem monarcas, sem governos autoritarios?

Nem Deus, nem amo! — tal deveria ser a divisa de cada povo livre.

Fiume, 15 de agosto.

G. Brocher.

A jesuitada e o imperialismo

A jesuitada da *Gazúa do Polvo* deve estar inconsolavel com as noticias que o telegrafo tem trazido nestes ultimos dias.

Ambiciosos sem escrupulos, ardendo em desejos de ver o Papa reinstalado pelos soldados alemães e austriacos no trono dos estados pontificios, eles a estas horas devem ter comprehendido que um povo que se bate pelas liberdades conquistadas pelo sangue dos martires é mais poderoso que os exercitos do cezarismo impenitente e liberticida.

A França vencerá porque com ela está a civilização e a sua vitoria será mais uma etapa gloriosa da Humanidade na senda do progresso. A França vencerá, porque até os revolucionarios, ao som da *Internacional,* pegaram em armas para defende-la contra o monstro do militarismo, cuja vitoria faria a Humanidade recuar dois ou tres seculos de conquistas liberais.

Rezem, embora, os soldados negros do Vaticano ao Deus das batalhas para que vençam os dois imperios centrais. De ha muito o Deus terrivel dos padres está morto; matou-o a filosofia e a revolução social ha de sepulta-lo para sempre no cemiterio das coisas inuteis, como a consciencia humana de ha muito relegou-o para o arquivo dos mitos e das lendas.

Deus não existe! Creação do homem ignorante e selvagem dos primeiros tempos, o Deus-pagão não amedronta mais os que pensam pelo proprio cerebro e se habituaram a ouvir unicamente os ensinamentos da sciencia.

Mas, a padralhada, que precisa viver á custa do mito Deus, como os *souteneurs* vivem á custa das meretrizes, e que, conseguintemente são os *gigolos* da divindade, andam a esbofar-se para convencer os seus poucos leitores de que á Alemanha e á Austria assiste direito e razão, e que são os aliados os causadores da conflagração europêa.

Querem assim ver se tornam simpaticos os barbaros que incendeiam cidades, saqueiam aldeias e fuzilam as inermes povoações.

D. Miguel Kruse, frade alemão, naturalizado brasileiro, ficará muito grato aos seus colegas marcados na cabeça com — oclassico *zero*. — **B.**



O que está para acontecer

Os insaciaveis

Os grandes golpes que tem sofrido a Igreja ainda não a levaram a abandonar de vez a luta na qual vem se empenhando nos ultimos tempos, contra a sciencia e a verdade, que a prostam, e da qual sairá fatalmente vencida em futuro que desejamos não remoto.

Ha momentos em que o clero se ergue animado e, saudoso dos antigos esplendores da idade media, peleja febrilmente para recuperar aquilo que a razão lhe tomou.

O momento actual é-lhes maravilhosamente favoravel, porque da desgraça encontram espiritos que são facilmente sugestionados pela recompensa que terão depois da morte. Por toda parte vemos a miseria, o sangue, a morte, pairando por cima de tudo isto o espectro execrando do padre aproveitando a oportunidade para extorquir dos espiritos fracos, ou vitimas do infortunio, os ultimos tostões, privando, assim, do pão, a boca dos infelizes — na viuvez, na orfandade e na dor alheia é que ele vai procurar grande e covarde amparo. E' explorando a dor alheia, repito, que pode o clero levar a vida vergonhosa de nababo. Esperemos, pois, que o povo se acautele.

Aqui, em Minas, o aspecto é doloroso. A crise, que presentemente assoberba a nossa Patria, lança na miseria milhares de desgraçados, miseria esta agravada pela torpe exploração dos tonsurados expulsos de Portugal. Passeiam eles pelo Estado as suas figuras obesas, hidropicas e risonhas, procurando, com a sagacidade que lhes é peculiar, o lar do pobre, do desventurado, o lar visitado pela dôr, pois nele a messe será certa, pelo roubo covarde dos ultimos tostões em troca de um logar no paraiso, para um ente — morto pela fome. Assim como a miseria, o meretricio, como resultante, aumenta, assombrosamente; as infelizes vitimas da sociedade moderna afluem em massa, acossadas pela fome.

E os coroados não se compadecem da penuria do povo: continuam imperturbavelmente na torpe exploração. Por toda parte edificam igrejas e palacios, onde poderão viver ociosa e tranquilamente, rindo talvez do penar do povo. Em Sabará, pequena cidade proxima a esta capital, pode-se avaliar como é feita a exploração: ha nessa cidade uma população diminuta e umas quinze igrejas, todas elas colossais. Pois bem, os tonsurados edificam outra, por meio de quermesses, peditorios, etc.! Edificam é um modo de dizer, porque essas igrejas nunca são terminadas, muito fazem quando chegam a executar os alicerces. Para onde vai o cobre estorquido velhacamente do povo? Enigma!

Esse facto não se dá somente em Sabará, mas por todo o Estado.

Acharam eles que tudo ainda era pouco e já abriram o anunciado congresso catolico, para que mais facil e proficuamente possam espoliar a população beata desta terra.

O povo entorpecido, minado, nem ao menos protesta! Quando se decidirá a revoltar-se contra os seus exploradores de batina? Infelizmente não só em Minas como no Brazil e no mundo inteiro o clero se levanta; é porque a atmosfera é de sangue e os infelizes nele banhados, como já me referi, são presas faceis das hienas do Vaticano. Julgamos contudo que esse resurgimento é efemero, pois tudo leva a crer que a humanidade, livre do periodo agitado que óra atravessa, livre de castas dominantes, arremessará inexoravelmente o clero, para sempre, no aniquilamento completo.

Oxalá que assim seja!

Contudo, não devemos permanecer na posição de meros espectadores — devemos agir. Sim, devemos combater a classe clerical que, por inutil, parasitari e exploradora, é uma agravante poderossissima da miseria do povo; ainda mais, do seu embrutecimento.

Não nos devemos desanimar; pelo contrario, o combate implacavel e sem treguas ao clero, torna-se presentenmente mais necessario, afim de não o deixar de devorar o pouco que ainda nos resta.

Guerra, pois, aos insaciaveis!

Belo Horizonte, 10—9—914.

Urucá.

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornais, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Aos nossos assinantes

Da linha Paulista

Começa terça-feira a percorrer as localidades servidas pela linha Paulista o nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha.

Ficam, portanto, os amigos e assinantes dessa zona avisados.

A Lanterna *vivendo exclusivamente do auxilio dos seus assinantes, estes não podem deixar de contribuir pontualmente com a modesta importancia de sua assinatura.*

Apesar da epoca não ser das mais folgadas, com um pouco de boa vontade todos poderão saldar os seus debitos.

E se isso não fizerem, porão em perigo a existencia de um orgão indispensavel para a nossa propaganda que tantos sacrificios tem custado para ser mantidó.

O nosso companheiro visitará em primeiro lugar e na devida ordem as localidades seguintes:

Jundiahi, Campinas, Vila Americana, Limeira, Cordeiro, Araras, Pirassununga, Descalvado, Santa Rita do Passa Quatro, Palmeiras, Rio Claro, etc.

Da Estrada Central

Embarcará tambem por estes dias para proceder á cobrança na linha Central, o nosso companheiro José Romero, que iniciará o seu trabalho pelas seguintes localidades:

Mogi das Cruzes, Guararema, Jacarehi, Taubaté, Pindamonhangaba, Lorena, Guaratinguetá, Cachoeira, Cruzeiro, etc.

Aos assinantes e amigos destas cidades repetimos o apelo acima feito, certos de que seremos atendidos.

Contamos com a codjuvação de todos para levar adiante a nossa obra de propaganda.

Secção amena

— Você é capaz de crer que a guerra possa criar habitos religiosos?

— Não sei que ligação pode haver entre uma coisa e outra.

— Muito simples: com a guerra veiu a carestia, com a carestia veiu a restricção, até nos alimentos. Daí o jejum, que é um habito religioso...

♚ ♚ ♚

Ao concluir a lição de doutrina:

Diga-me, sr. vigario, porque é que Adão nunca foi pequenino?

A irmã do peqneno, adiantando-se:

— Porque não havia ama para o criar.

♚ ♚ ♚

Um judeu e um cristão tratavam um negocio diante de uma refeição.

— Come, diz o cristão, deixando cair no prato do judeu uma fatia de presunto.

— O meu Deus proibe me que coma carne de porco.

— O teu Deus é estupido.

— A culpa não é dele: não teve a sorte de ter, como o teu, pai e mãi para o criarem e lhe darem educaço.

Abaixo a guerra!

Da medonha hecatombe que neste momento infelicita a humanidade não cabe aos elementos avançados dos trabalhadores a minima responsabilidade.

Foi contra a sua vontade, contra o seu protesto desesperado que se iniciou a guerra europeia.

O seu movimento de reacção contra a chacina horrorosa foi momentaneamente abafado. E a catastrofe deu inicio á sua obra de devastação.

Entretanto, sempre é bom que se registe como documentos para a historia deste terrivel momento da vida dos povos, as noticias das manifestações da vanguarda do povo.

Na Belgica

Já publicámos o manifesto dos socialistas alemães. Hoje damos inserção á moção aprovada pelo congresso sindical belga, reunido em Bruxelas em 27 de julho.

E' a seguinte:

"O Congresso, afirmando a irredutivel oposição do proletariado contra a guerra, lança o grito de alarme e convida a Internacional Operaria a servir-se de todos os meios para impedir esse crime contra a humanidade, e solidariza-se, desde já, com os trabalhadores dos outros paizes."

Na Alemanha

Conforme nos informaram os telegramas nos primeiros dias da guerra, numerosos foram os comicios realizados no ultra-militarista paiz do fanfarronico kaiser Guilherme.

A indecisão, a pusilanimidade ou a traição de certos *meneurs* do partido desorientou e opoz grandes embaraços á acção do proletariado, a ele filiado e escravizado á sua autoritaria disciplina. Apesar disso o movimento de protesto não cessou, como se verifica desta importantissima noticia:

Dizem de Genebra que alguns desertores alemães ali chegados afirmaram que em Berlim se tem dado factos importantissimos. Trata-se de uma verdadeira revolta contra o Estado e contra a disciplina militar, organizada pelos anarquistas e socialistas que, afrontando todas as furias do desvario guerreiro longamente alimentado, reagem com verdadeiro heroismo contra o horrivel crime social do imperialismo.

O governo naturalmente procurou ocultar esses gravissimos incidentes para dar a entender que toda a Alemanha está reunida em volta do trono.

O que tem favorecido a estas rebeliões proletarias são os infinitos actos de barbaria cometidos pelo poder militar nestes ultimos dias e os fuzilamentos de varios socialistas, entre os quais está o "leader" socialista dr. Carlos Liebknecht, que era oficial da reserva.

O dr. Liebknecht, sendo chamado a servir sob as armas, recusou-se a prestar serviços em uma guerra que ele reputa agressiva.

Ele foi imediatamente julgado por uma côrte marcial e condenado a fuzilamento; a ordem foi imediatamente executada e o chefe socialista rolou no chão, atravessado pelas balas de um pelotão de soldados.

Esse fuzilamento deu lugar a violentos tumultos, severamente reprimidos.

As informações falam de muitos mortos e dizem que a situação é cada vez mais perigosa.

A Alemanha mandou desmentir essas noticias, porêm o dr. Liebknecht não tem aparecido.

UMA OBRA IMPORTANTE

Já foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obra de H. Ch. Leu: «Historia da Inquisição na Idade Media», vertido para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Oiticica.

Não é necessario insistir sobre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E' um repositorio admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aurir episodios eloquentes, aterradores, da acção social da Igreja no concernente á luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre-pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá á Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2$000, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

—

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro Maximiano de Macedo, rua Sete de Setembro, 59, sobrado, Rio de Janeiro.



Morcego, sim

Ao presadissimo correligionario sr. Riga.

No concurso aberto pela *Lanterna*, falei que o padre é o produto de uma trindade: peste, fome e guerra. Portanto é peor que a lepra. Reconheço as qualidades uteis do morcego, dizendo que a natureza nada faz inutil.

O termo morcego é mais proprio para a criançada usar em vez de padre. Provoca o riso e chama certa atenção. Isto produz o ridiculo e mais tarde causará o desprezo para com o tal parasita prejudicialissimo. Podemos tambem chama-lo anquilostomo, termo muito adequado; mas acontece que é menos vulgar.

E' um pequeno verme que habita no intestino duodeno, suga o sangue do homem inutilsando-o, produzindo a opilação. Entre nós, livres-pensadores, podemos dizer o lepra, porêm, geralmente, devemos dizer morcego em vez de padre.

O. B.

MISSA DOMINICAL

Sempre aos domingos, por costume antigo,
Vou á missa: não é que eu seja um crente,
Um bom cristão piedoso e a Deus temente,
De ladainhas e orações amigo.

Não. Vou á missa como toda a gente
Que ama; a igreja é do amor um sua-
[ve abrigo —
E eu vou á missa para estar contigo,
Tendo Nosso Senhor por confidente.

Da Virgem Santa o altar, entre fulgores,
Olho; e só vejo a graça feiticeira
Dos teus divinos olhos pecadores!

O' Virgem Mãe, das virgens a padroeira!
Perdoai que por amor dos meus amores
Eu vos faça de «pau de cabeleira»!..

D. Xiquote.

SOB O REGIMEN DA FOME

OUTROS COMICIOS

O Comité Proletario de Defesa Popular prosegue na agitação contra a desocupação e a carestia da vida.

Varios outros comicios vão ser realizados, estando já marcados os seguintes:

Na Barra Funda

Neste bairro realizar-se-á um comicio hoje, ás 19 e 1|2 horas, no salão da rua Lopes Chaves, 31.

Na Penha

Amanhã, domingo, ás 9 horas, será realizado um comicio neste suburbio, no local do Frontão.

Além destes metings, vão ser organizados outros pelos arrabaldes e no centro da cidade.

Uma carta

Transmitimos aos nossos leitores a carta seguinte que ha dias chegou ás nossas mãos:

"Sr. redactor da *Lanterna*:

Queira registar em seu jornal algumas observações que me foram sugeridas pela leitura de certo numero do *Giornale degli Italiani*.

Diz esse jornal, tratando da crise, que os operarios desocupados não teem razão de se ofender com a distribuição dos auxilios da burguesia, auxilios que chamam de esmolas, pois as sociedades de socorros mutuos e as cooperativas tambem fazem o mesmo aos seus associados necessitados.

Ora, esse argumento do vespertino italiano não tem cabimento algum.

As agremiações de que fala são geralmente compostas do elemento operario, pagando cada qual a sua mensalidade para ter direito aos socorros, fornecidos pelos fundos formados pelo esforço de todos.

Que tem que ver isso com as esmolas oferecidas pelos argentarios? Nada, pois estas são fornecidas com o dinheiro arrancado ao trabalho do pobre operario por aqueles que, depois de acumularem muito ouro e estando muito ricos, fecham as fabricas e oficinas, pondo na rua o proletariado, cuja revolta procuram evitar com a distribuição de esmolas.

Se a sua missão fosse realmente a de administradores publicos não deixaria de ser uma vergonha para os srs. dominantes deste Estado e de todo o Brasil assistir ao triste espectaculo do povo estar ás portas das igrejas e conventos, como corvos ao redor da carniça, á espera, de saquinhos em punho, a espera de um punhado de feijão para matar a fome.

E é isto a republica?

O povo não deve dar essa demonstração de covardia, indo estender a mão á caridade odiosa dessa raça maldita que são os vampiros do Vaticano.

Agitemo-nos, unindo-nos para o combate contra o nosso inimigo, dizendo que não queremos esmolas e sim trabalho, pois temos braços dispostos á labuta.

Proletarios de S. Paulo, é chegado o momento de nos decidirmos á luta para a conquista dos nossos direitos.

Abaixo a esmola! Viva a Revolução Social! — *Francisco Scorsa.*"

NUCLEOS DA VANGUARDA

NO RIO

Grupo de Educação Racional — Com esta denominação, constituiu-no Rio, no dia 29 do mez passado, numa reunião realizada á rua Souza Franco, 64, Vila Izabel, uma agremiação cujo fim será difundir a propaganda dos modernos ideais racionalistas.

Nessa mesma reunião ficou constituida a sua comissão administrativa, com os seguintes companheiros: Armando Vercosa, 1.º secretario; Bartolomeu Rago, 2.º secretario; Pedro Matera, procurador-tesoureiro; Francisco Zambitto, bibliotecario.

No domingo passado deve ter sido realizada a sua primeira assembleia geral.

Todas as noites, das 19 ás 21 horas, ha na séde já mencionada, algum dos seus membros para atender aos que desejarem informações sobre o grupo.

Azeite para "A Lanterna"

Do nosso companheiro Candido Reis, de Santos, recebemos a lista abaixo, por ele conseguida entre camaradas daquela cidade e destinada para o *azeite* da *Lanterna*, tão escasso nestes tempos de crise:

Candido Reis, 2$; José M. da Silva, 2$; Helcio Cortez, 2$; Leonidas Cortez, 2$; Carlos Borges, 2$; J. P. S. M. 2$; Miguel Souza, 1$; Basilio Becher, 1$; Duarte Almeida, 1$; Severo Colombine, 1$; Antonio Martins, 1$; Viriato Figueira, 2$; Pasqual Cirulos, 1$; João Figueira, 2$; Felix Santa Rosa, 1$; Albino Silva, 1$; J. Rodrigues Sampaio, 1$; José Rosa, 1$; David J. Rodrigues, 1$; Manoel P. Monteiro, 3$; Luiz Steran, 2$; Abilio V. Colaço, 1$; Alberto Garcia, 1$000 — Total 34$000.

Escola Moderna de S. Paulo

S. Paulo, 1 de agosto de 1914.

Cidadão:

Os abaixo-assinados, encarregados da promoção de uma festa escolar e de uma quermesse em beneficio da Escola Moderna de S. Paulo, cuja obra benefica de saneamento social se acha iniciada desde o ano passado com a fundação da Escola Moderna N. 1, no bairro do Belemzinho, e da N. 2, no do Braz, levam ao vosso conhecimento que tal iniciativa terá realização com um bem escolhido programa na aprazivel vila Taide, sita á rua Saldanha Marinho, no dia 11 do proximo mez outubro, esperando merecer nesse sentido o indispensavel auxilio de todas as pessoas interessadas na propaganda do ensino e instrução racionalistas, que lhes poderão mandar, desde já, algumas prendas para a quermesse.

O endereço a que deverão ser as mesmas destinadas é o seguinte: Escola Moderna N. 1, rua Saldanha Marinho, 66, Escola Moderna N. 2, rua Miler, n. 74, ou redação da LANTERNA, *largo da Sé, n. 5, 2.º andar.*

Antecipando seus agradecimentos se subscrevem,

Adelino Pinho
João Penteado

O que é a guerra

COMO A CONSIDERAM VARIOS ESCRITORES BRASILEIROS

Damos hoje mais uma das respostas á *enquête* feita pelo nosso companheiro Edgard Leuenroth, em 1908, no seu jornal de então, a *Folha do Povo*:

1.º

— Que pensais da guerra?

— E' uma hedionda herança de nossos barbaros avós; é a morfeia que carcome o organismo deixando-o todavia existir em estado de lenta putrefacção. Mais nefanda que o mais monstruoso crime, ceifando mais que a peste indiana, a guerra só era desculpavel entre os selvagens e é admiravel devéras que um seculo, blasonando-se de civilizado, empregue a maior soma da sua actividade em instrumentos para destruir o homem. Só é admissivel a guerra intestina de um povo erguendo-se contra os seus algozes, batendo-se para destruir as trincheiras que lhe vedam a liberdade.

2.º

— Os interessados neste flagelo são os grandes industriaes, os grandes traficantes, necessitando de novos mercados á super-abundancia de suas fabricas, os banqueiros que precisam movimentar os seus capitais; os fabricantes de instrumentos de morte, os agaloados que sobem mais e se locupletam á tona do lamaçal que os especuladores formam.

3.º

— Vencido ou vencedor só teem lucro os interessados, os que a fomentam; mas o povo, a gente que trabalha, produz, sustenta os parasitas, para o tributo de sangue, paga o tributo de maguas pela perda dos seres queridos e mesmo que se abram novos mercados, as vantagens são para o explorador do trabalho — o capitalista. Não ha vitoria alguma, propicia embora, que compense as perdas do sangrento campo da guerra.

4.º

— Julgo de uma felicidade sem par a iniciativa da Confederação Operaria Brasileira, mormente se o proletariado, compreendendo que é o unico sacrificado nas batalhas, corresponder ao apelo da Confederação. Para terminar de vez com a guerra, bastaria que o operario cruzasse os braços, recusasse em absoluto o seu concurso a todas as oficinas de productos belicos.

Taboleiro Grande, setembro, 1908.

Avelino Foscolo.

VIDA OPERARIA

EM PORTO ALEGRE (R. G. do S.)

União Tipografica — Desta associação riograndense recebemos um oficio comunicando-nos a eleição da sua nova directoria, empossada em 12 do mez passado e que a deverá administrar até janeiro de 1915.

Compõem-na os companheiros: Xisto Vasques, presidente; Gastão Brandão, secretario; Firmino Alves, tesoureiro; Orlando Martins, Paulo Ferrão e Julio Petersen, auxiliares; Agenor Menezes, delegado á Federação Operaria.

Aproveitamos a ocasião para enviar as nossas saudações aos perseverantes companheiros graficos portalegrenses, fazendo ao mesmo tempo votos para que simplifiquem tanto quanto possivel a forma administrativa do seu sindicato de resistencia, suprimindo-lhe esse cargo de presidente, que no meio operario constitui um verdadeiro anacronismo.

O Grupo "Novos Horizontes"

DECLARA TER EM CAIXA A QUANTIA DE 326$000

O grupo editor da revista "Novos Horizontes" vem prestar — áqueles que, apoiando a sua iniciativa, o auxiliaram monetariamente — contas do dinheiro que tem em seu poder e ao mesmo tempo comunicar-lhes que, considerando que a importancia obtida apenas daria para a publicação de um só numero da revista e entendendo que, sob o regimen da fome em que nos encontramos, não se julga com o direito de exigir á bolsa precaria dos camaradas mais nenhum sacrificio, resolveu o mesmo grupo guardar o dinheiro obtido, na importancia de 326$000 reis, até ocasião em que, continuando o seu trabalho de angariação de donativos, seja possivel lançar á publicidade a revista com mais probalidades de exito.

Esta sua resolução será mantida desde que a opinião dos interessados se não manifestar em contrario. Declara mais o grupo editor que a demora na publicação do seu balancete foi devido ao desejo de o poder apresentar completo. Baldada foi, porém, a espera pois não poude ainda recolher o dinheiro de todas as listas de subscripção nem dos bilhetes de ingressos para o festival que levou a efeito no salão do Centro Cosmopolita, razão porque, mais uma vez ainda, pede aos camaradas que subscreveram as listas e ficaram com bilhetes e que ainda não entrarem com as importancias devidas, o favor de o fazerem tão cedo quanto possam.

RECEITA	
Rateio entre os fundadores do grupo «Novos Horizontes»	40.000
Produto da tombola de um quadro no festival da Liga Anticlerical	20.000
Porcentagem em venda de livros	3.000
Do Grupo Dramatico Cultura Social	21.500
Do Centro de E. Sociais	5.000
De Virgilio Campos . .	15.000
Das listas já recebidas pelo Grupo	48.500
Producto liquido da festa pró «Novos Horizontes», no Centro Cosmpolita . .	197.000
Total..........	350$000
DESPESAS:	
Um carimbo	10.000
Prospectos anunciadores do aparecimento da revista. .	12.000
Compra de um quadro vendido em tombola no sarau da Liga Antclerical...	2.000
Total	24$000
CONFRONTO	
Receita	350.000
Despesas.................	24.000
Saldo em caixa	326$000

Os abaixos assinados confirmam, colectivamente, a existencia, nesta data, da quantia de trezentos e vinte e seis mil reis, em dinheiro, em mãos do camarada Pinto Quartim que fica como seu fiel despositario na ausencia da camarada tesoureira Elisa de Oliveira.

Rio de Janeiro, 12 de Setembro de 1914. — Elisa de Oliveira, Manuel Gonçalves de Oliveira, Francisco de Magalhães Viotti, Nilo Ferreira, Antonio Pinto Quartim.

VIOLENCIAS POLICIAIS

Um operario esteve preso durante 11 dias sem nem ao menos ser interrogado — Manuel Campos ainda não apareceu

Alfredo Ovidi, de cuja prisão já nos ocupamos, foi posto em liberdade depois de onze dias de incomunicabilidade!

Prenderam-no dois policiais e um agente quando ele saía de sua residencia, levando-o para a Central e de lá para o posto policial do Ipiranga, sendo obrigado, dias depois, a passar pelo Gabinete Antropometrico, onde lhe tiraram por quinze vezes as impressões digitais.

Entretanto, a policia informou ao juiz a quem havia sido requerido um habeas-corpus, que Alfredo Ovidi não estava em nenhuma das prisões da capital!

Que desfaçatez! E depois são esses mesmos tipos que se dizem defensores da lei, mantenedores da ordem social!

E os juizes vão suportando mui passivamente todos esses atentados ao seu prestigio sem um qualquer movimento de protesto...

Indiscutivelmente estamos no mais adiantado Estado da democratissima Republica dos Estados Unidos do Brasil...

* *

Manuel Campos ainda não apareceu.

Segundo parece encontra-se ele no Rio a espera do vapor que o deverá levar para o estrangeiro.

Cumpre assim o dr. Eloi Chaves a sua palavra. Disse o Secretario da Segurança Publica que expulsará doravante quem entender. Para tal não precisará da lei de expulsão, pois a lei agora é ele. Isso disse ele a um jornalista italiano.

Está cumprindo a sua palavra.

Saiba-se, pois: a lei é o dr. Eloi Chaves.

Tremam os povos que Max Linder impera agora.

ESCOLA MODERNA N. 1

Devido ás dificuldades resultantes da crise, que tudo dificulta nestes tempos, a festa escolar e a quermesse que deviam ser amanhã realizadas na Vila Taide, ficam transferidas ainda, mas definitivamente, para o dia 11 de outubro, ás tres horas da tarde, no mesmo lugar.

Já fizeram donativos de prendas para esse fim diversas pessoas, cujos nomes publicaremos em outro numero.

Apelamos mais uma vez ás pessoas que se interessam pela difusão do ensino racionalista em S. Paulo enviem algumas prendas para a quermesse anunciada, cujo produto reverterá em beneficio das escolas fundadas e mantidas pela Escola Moderna de S. Paulo, ás quais se ressentem da falta de materiais escolares indispensaveis.

FOLHETIM DA LANTERNA (86)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para 'A Lanterna'

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XVI

Consequencias dum sonho

Não era provavel que fossem os salteadores voltando á carga: devia antes ser algum troço de cavaleiros, viajando em companhia, ou talvez até a Santa Hermandad. Pelo sim, pelo não, Padilla procurou com a vista um refugio para as suas companheiras, não o achando, porém.

— Meu Deus, murmurou ele, valei-nos!

Mas como, pagando embora este tributo á sua crença deista, Padilha entendia que era sobretudo necessario valer se a si proprio, preparou-se para combater a pé contra inimigos montados, por mais numerosos que fossem.

— Senhora, disse ele a Maria, se por acaso — duvido muito — esses homens que aí veem forem bandoleiros, suplico-vos que não percais tempo: esporeai o cavalo, enquanto eu me esforçarei por dete-los aqui.

— Disso me livre Deus, senhor Padilha! respondeu vivamente a filha do marquez de Mondejar. Se por mim morresseis, eu saberia morrer tambem. Viva, não me haviam eles de ter!

Este combate de generosidade foi interrompido por um clamor que, chegando distinto, dissipou logo todos os sobressaltos:

— Pacheco!... Pacheco e Mondejar!

Era então uso lançarem os cavaleiros o seu nome e os homens de armas e vassalos o do seu suserano, como grito de desafio ou de recônhecimento. Eram, pois, amigos que acudiam tardiamente.

— Pacheco! chamou Padilha com uma voz vibrante que chegou aos ouvidos dos cavaleiros, pois estes responderam com um prolongado viva.

Viam-se já distintamente, num galope furioso. A' frente, voava o marquez de Mondejar, seguido de uma dezena de homens. Um momento depois, chegava, saltava abaixo do cavalo e apertava nos seus braços Maria, que, ao reconhece-lo, tinha-se logo apeado.

— Meu pai, disse a donzela logo que pôde respirar, aqui está quem me salvou mais do que a vida.

E designava Padilha, que se esquivava, tão modesto como valente.

O marquez beijou com transporte o mancebo.

— Sois digno da vossa ilustre casa, disse-lhe ele. Depois de tal serviço, nada há que não possais pedir-me.

Os dois jovens coraram trocando um olhar.

O pai de Maria surpreendeu sem duvida esse rubor e esse olhar, pois a sua fisionomia ficou pensativa; em seguida, acrescentou:

— Senhor Padilha, amanhã mesmo tenho que partir para Valhadolid, para junto d'el-rei, nosso amo. Mas, esteja eu onde estiver, terei sempre gosto em vos receber.

O cavaleiro cumprimentou.

Maria narrou as peripecias do drama e o marquez exasperou-se ao saber do morticinio dos seus homens. O unico que tinha escapado era o fugitivo, que abandonara os companheiros logo á primeira descarga para galopar até á Concepción. Cobardia que o fidalgo teria julgado digna de morte, se a filha se tivesse perdido. Mas achava-a salva, na honra e na vida, e este milagre, que ele agradecia ao céu, dispunha-o á indulgencia. Demais esse mesmo fugitivo é que tinha levado, á desfilada, a terrivel noticia, ao receber a qual o marquez saltara para cima do cavalo, seguido por um punhado de servos e de vassalos, entre os quais o mensageiro da desgraça.

— Concedo-te a vida, disse a este ultimo o pai de Maria, mas com a condição expressa de que te farás matar á primeira ocasião.

O servo inclinou-se e, balbuciando, agradeceu ao amo esta dilação.

Sem perda de tempo, o marquez mandou metade da sua gente levantar os mortos e trazer a liteira com a mula ainda viva. Depois disto, voltou a comitiva toda para a Concepción: Maria, montada na mula, entre o pai e Padilha, de novo a cavalo; a aia atrás deles, na garupa de um dos cavaleiros; depois, os outros, levando cada um, á excepção de dois, o cadaver de uma vitima atravessado na sela. Desfile funebre, que revestia um caracter solene debaixo do céu já sombrio onde, como chamas de cirios mortuarios, scintilavam as primeiras estrelas.

CAPITULO XVII

Joana

Enquanto, na estrada da Concepción a Arganda, se davam estes sucessos, em Villasequilla continuam mergulhadas numa profunda tristeza duas pessoas, sobretudo uma delas: Huerta e sua filha. O primeiro sofria cruelmente com o sofrimento de Joana e a si mesmo se acusava de ter sido em parte causador dele. Como não tinha ele pensado que uma inexoravel lei da natureza havia um dia de abrir ao amor um coração juvenil? A vida reclusa numa aldeia onde eles não visitavam pessoa alguma não podia eternamente bastar a uma criatura bela, inteligente e sensivel, chegada á sua decima setima primavera... Deixando que Joana visse o cavaleiro, tão diferente dos outros homens, tinha-a condenado fatalmente a pensar nele e a ama-lo. Como poderia ele agora impedir que esse amor lhe fizesse desgraçada a vida?

A segunda continuava acabrunhada. Dera-se em espirito a Padilha, sem calcular, sem reflectir, sem perguntar sequer a si propria se, do seu lado, poderia o mancebo ama-la. Sentia agora uma prostração que a deixava sem forças para pensar, querer e agir, já não era capaz senão de sofrer. E no entanto Joana era corajosa! Corria-lhe nas veias o sangue de seu energico pai. Mas porventura o amor não explica tudo: tanto as fraquezas como as revoltas e as coleras?

A refeição do fim do dia foi ainda mais triste do que a da manhã. Huerta mal comia, meditando ao mesmo tempo que se esforçava por dizer algumas palavras afim de sacudir um silencio pesado como uma capa de chumbo. Como levar a filha a esquecer-se daquele para quem eram todos os pensamentos dela? Afastando-a? Era duvidoso: a ausencia e mesmo o tempo não produzem grande efeito senão sobre as naturezas superficiais, incapazes de afeições fortes, estranhas á verdadeira paixão. E Joana não era dessas!

Não havia, porém, outro meio de cura a tentar. E Huerta suspirou, calculando as possibilidades duma partida de Villasequilla, pois para ambos havia de ser. Não podia evidentemente ficar sozinho, consumindo-se de inquietações sobre o estado de alma de sua filha, ao passo que esta se afastaria, expondo-se sem ele aos perigos duma viagem.

Por outro lado, sentia uma tristeza amarga á ideia de se afastar, temporariamente embora, das vizinhanças de Toledo, onde se moviam os seus amigos de ideias, aqueles que ele de certo modo podia considerar como filhos intelectuais. Quem podia adivinhar que acontecimentos iam surgir? Devia ele arriscar-se a não estar ali precisamente na ocasião em que mais uteis seriam a sua presença e os seus conselhos?

Mas ficar seria condenar Joana a sofrer, sem tentar um esforço para a curar. Tinha Huerta o direito de sacrificar a filha a ideias abstractas e a temores hipoteticos? E não podia ele procurar tirar proveito dessa viagem mesmo em favor da sua causa?

Pensou então em Valencia, a grande cidade onde passara tantos anos no meio da actividade ruidosa das multidões, do escachoar das ideias e das paixões, da vigilancia feroz dos inquisidores! Naquele foco popular jamais extinto, podia ele fazer bom serviço. Mantinha lá relações, e assim, mesmo ausente, estava a par do que lá se passava.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

Retratos de José Nakens, 1$500 réis.
» de Pedro Gori, 1$000 reis.
» de Caetano Bresci, $500.
Alegoria com o retrato de Ferrer, a 1$000 reis.

EM PORTUGUÊS

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1.º e 2.º Congressos Operarios Brasileiros .... 1$200
Cantos Sociais (diversos autores) $200
Almanaque de *A Aurora* para 1913 .... 1$000
Almanaque de *O Livre Pensador* $500
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno* $200
Pedro de Mello, *Sonho dantesco* $200
Domingos Zapata, *As 67 celebres perguntas* $200
R. S. Morin, *O espirito da Igreja* $200
Ex-padre Guilherme Dias, *O que é o celibato* $200
Nathanael Pereira, *A educação religiosa* $200
Eugéne Pelletan, *A Inquisição* $200
Dr. H. Rouby, *O Sagrado coração de Jesus* $200
Monsenhor Sylvestre de Chateaurenard, *O Celibato* .... 1$200
Neno Vasco, *Da porta da Europa* .... 2$500
Saturnino Barbosa, *Ensaio de Critica Racionalista* .... 1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista* .... 1$500
Luiz Bulfi, *Greve de Ventres* $200
José Prat, *A burguesia e o Proletariado* $300
Brito Bettencourt, *Catecismo Ateu* $200
José Rizal, *Noli me tangere* $600
H. Malatesta, *Programa socialista-anarquista-revolucionario* $100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* .... 1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 6 actos) .... 1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* .... 2$000
Carlos Dias, *Semeando para Colher* $200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno* .... 2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)* .... 2$000
Pedro Kropótkine, *Os Bastidores das guerras* $100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anarquico* $200
Neno Vasco, *Giórgicas* (ao trabalhador rural) $100
Errico Malatesta, *Entre camponeses* $200
Afonso Costa, *Album Popular Brasileiro* .... 2$000
Chacon Siciliani, *Mentiras Divinas* (cartas aos crentes) .... 1$500

EM ITALIANO

Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* .... 1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana* $200
Antonio Labriola, *Del Socialismo* $400
Gaetano Zibordi, *La historia di Federico* $400
Un laico, *La politica eclesiastica in Italia* $300
Giovanni de Nava, *Delinquenza e Misticismo* $200
P. Guarino, *Sole a Scacchi* $400
L. Campolonghi, *Azione Sindicale* $300
G. Stiavelli, *Il Primo Maggio nella letteratura* $400
G. D'Amato, *Ai ragazzi felici* $200
Paul Adam, *Il figliuol prodigo* $200
Francesco Pucci, *Il dovere di organizzarci* $200
F. Niccolini, *Il pane gratuito* $200
Guido Podreca *Il divorzio* $200
Maximo Gorki, *Interviste* $600
» » *Il compagno* $200
» » *L'uomo* $200
Eliseo Reclus, *I prodotti dell'industria* $200
» » *I prodotti della terra* $200
Leda Rafanelli, *Alle madri italiane* $200
Paul Lafargue, *Il diritto all'ozio* $200
Dott. G. C. C., *Guerra all'alcool* $200
G. Pozzi, *Favole ed apologhi socialista* $200
Oreste Ristori, *Polemiche sull'Anarchia* $300
» » *Operai, non bevete!* $100
Pietro Kropótkine, *L'agricultura* $200
Leone Tolstoi, *Contra la guerra russo-giapponese* $300
E. De Amicis, *Il socialismo e L'eguaglianza* $100
» » *Consigli e moniti* $100
E. Vandervelde, *Le città Piovre* $200
C. Andrea, *Un Sogno* $100
» » *Il socialismo* $100
C. Monticelli, *Il primo giorno del socialismo* $300
» » *Lo Sciopero* $100
E. Ciacchi, *Ai contadini* $100
» » *Le nostre Leghe* $100
Dott. Biel, *Il socialismo per tutti* $100
O. G. Viani, *Abbecedario dell'economia Sociale* $200
G. Renard, *Agli Studenti* $100
Leopoldo de Fazio, *Canzone vegetale* $300
A. Valente, *Conferenze socialiste* $300
A. G. Paoloni, *Primo Maggio* $100
B. Carlantonio, *Le Istituzioni e la Morale* $100
Ferri e Ciccotti, *Contro la marina militare* (discorsi) $300
» » *Per la riduzione delle spese militari* $300
Resoconto del 1.º Congresso dei lavoratori della terra $200

EM ESPANHOL

Lo que entiendo por libre pensamiento, por Francisco Gioa $800
La educacion sexual, conferencia pela professora Raquel Camaña $400

Em todos os preços acima está incluido o porte de correio.

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
Sonetos Piadosos, por varios.

EM FRANCÊS

JeanGrave, *Si j'avais à parler aux Electeurs* $100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére* $100
Pedro Kropotkine, *L'Esprit de Révolte* $200

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um terço deste livro que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

* * *

Preço, livre de porte, 2$500.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Oriente, 166 a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

***

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — *leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.*

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitativos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.



TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar.

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do pais)

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar..........	200
10 exemplares..........	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livres do porte do Correio

500 exemplares	60$000
300 » »	4?$000
100 » »	1?$000
50 » »	7$000
Avulso..........	300

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldema Carvalho, Ladeira 56-A;
Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;
Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;
Em Bage — Amantino O. Santos
Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32
Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucaby, engraxate.
Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.
Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.
Avenida Passos, 122, engraxate.
Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.
Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.
Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.
Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.
Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.
Largo da Carioca, 20, com o sr. Paschoal Trote.
Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricromia.

Um volume de 112 paginas, 1$500. Pelo correio 1$700.

Coleções completas da "Lanterna"

Apresenta-se agora uma excelente e unica ocasião para os amigos da Lanterna adquirirem a coleção completa dos seus quatro anos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam.

Dispomos apenas de sete, que serão vendidas a 50$, os quatro anos da presente fase, encadernadas em capa cartonapa.

Só serão satisfeitos os pedidos que vierem acompanhados das respectivas importancias.

LES TEMPS NOUVEAUX

4, RUE BROCA — PARIS (V)

Importante semanario comunista-anarquista com suplemento literario.

Um ano	8 francos
Meio ano	4 »
3 mezes	2 »

POSTAIS DE FERRER

Recebemos uma nova remessa de postais com o retrato de Francisco Ferrer, que são vendidos a 1$500 a duzia.

Só serão atendidos os pedidos acompanhados das respectivas importancias.

A APARECER BREVEMENTE

"NOVOS HORIZONTES"

Revista quinzenal de sociologia, arte, sciencia, literatura e critica

PAGINAS ICONOCLASTAS DE LIVRE EXAME, DE GUERRA ABERTA E IRREVERENTE AO DOGMA, Á ROTINA, AOS PRECONCEITOS E Á TRADIÇÃO

Colaboração revolucionaria — Caricaturas demolidoras

NUMERO AVULSO 200 RÉIS

Correspondencia a *Nilo Ferreira*, Rua dos Andradas, 87, Rio de Janeiro

